



A MISSÃO CONSOLATA JUNTO AO POVO YANOMAMI

TRAJETÓRIA DE CONFLITOS, CONVERSÃO E ESPERANÇA

Rosa Mareschi

Descolonização: anunciar o Evangelho a partir das culturas e da história

A descolonização do continente latino-americano é o grande desafio para a evangelização inculturada. Como a Missão Consolata vai responder a esse desafio?

Vencidos e vencedores, fruto de uma história colonizadora, não deixam a ideologia dos conquistadores. Ela introjetou-se na consciência de todos e está sendo reforçada por um sistema que submete, explora e valoriza as pessoas pelo que produzem e não pelo que elas são. Aqueles pois, que sofreram a chegada dos europeus como invasão e conquista, sofreram um trauma que até hoje não conseguiram superar. Tal situação conduz estes povos a clamar libertação pela descolonização e a reivindicar o que lhes foi roubado.

A história dos povos latino-americanos começa bem antes do seu descobrimento-invasão (1542) pelos europeus. Esses povos têm

uma longa história que conta mais de quarenta mil anos, envolvendo uma rica experiência de mais de dois mil diferentes povos, culturas e línguas¹. Essa antigüíssima realidade histórica suscita admiração e perplexidade acerca de sua longa caminhada, da busca e do encontro com o Deus que se revela nas culturas, da ação do Espírito de Deus na longa história desses povos, do crescimento das sementes do verbo plantadas em suas culturas.

Perguntamo-nos, hoje, depois de 500 anos de história colonizadora que, com o pretexto de dilatar a "fé e o império" impôs a "cruz e a espada", qual é a realidade sócio-política-cultural-religiosa desses povos do continente latino-americano? Os sábios astecas do México, respondendo aos primeiros missionários no México, relatam muito bem a angústia, o espanto e a decepção que se apoderaram deles, depois da derrota militar e do início da pregação pelos primeiros missionários:

1. cf. VV.AA. *Vida, clamor e esperança. Uma perspectiva para compreender os 500 anos*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1992, p.17.

“Vós dissestes que nós não conhecemos o Senhor que está perto e conosco, aquele de quem são os céus e a terra. Dissestes que não eram verdadeiros nossos deuses. Nova palavra é esta, a que falais, por causa dela estamos perturbados, por causa dela estamos incomodados”².

A “cruz e a espada” atingiram inexoravelmente a história milenar dos povos latino-americanos, a sua identidade mais profunda, a sua religião, reduzindo o continente a uma condição submissa, transtornada no seu relacionamento normal com o Deus da história e, na sua caminhada normal de libertação, onde Deus fala e orienta os povos dentro de suas culturas. A empresa colonial foi a negação do sujeito, dos povos, das culturas, criando uma tradição de vencedores e vencidos, de cristãos e cidadãos inferiorizados e reduzidos ao silêncio.

O primeiro mundo continua hoje, a invadir, dominar, destruir o 3º mundo, não mais com o pretexto de evangelizar, talvez, no máximo de civilizar³. A dominação parece o auge da invasão da conquista, da manipulação em todos

os setores da sociedade pós-moderna. Nesta fase nova, catalisadora, como resistir? Como não se deixar dominar, como não se aliar a um mundo que oferece o maravilhoso, o espetacular numa forma contagiante e aliciante? Dentro do eixo libertador concebido pela Igreja latino-americana, isto é, a “libertação que se vai realizando na história (...) e abrange as diversas dimensões da existência: o social, o político e econômico, o cultural e o conjunto das relações” (P.483), os povos oprimidos nos oferecem a chave de leitura para resistir à nova dominação e para gerar uma história e um futuro novo. Eles nos ensinam que o novo modelo opressor deve ser enfrentado com a força de união de todos os setores oprimidos e dos seus aliados e que esta força só poderá brotar da sua identidade resgatada e fortalecida pela luta e resistência, pela sua história e pela sua cultura. Os oprimidos nos ensinam também, que o significado histórico da colonização da América Latina apela para uma nova vontade política. A solidariedade e a fraternidade devem ser reforçadas e que é preciso entrar numa lógica de racionalidade dife-

rente do sistema vigente. Urge também ter capacidade de saber conjugar a esperança e a decepção diante do sistema oficial e saber fazer uma leitura popular que anuncia o Reino de Deus nos pobres e oprimidos e em Jesus Cristo, libertador da história.

A maior força para enfrentar a dominação atual está na luta organizada e articulada. Ela é imprescindível para que ocorra, de fato, a descolonização, a partir e na ótica do explorado e oprimido. Essa nova postura de resistência organizada dá também um sentido novo à história, faz surgir novas relações humanas, novas expressões no mundo indígena, na Igreja e na sociedade.

Um fato significativo dessas últimas décadas que pode contribuir para descolonização da América Latina e marcar uma nova fase de evangelização é a irrupção dos Yanomami na história, na Igreja e no mundo. Saindo do seu silêncio milenar, eles começam a escrever essa mesma história com as próprias mãos, deixando de serem simples receptores de um mundo que age contra os seus interesses. O povo yanomami que durante essas últimas décadas tem lutado silenciosamente, mas de forma contínua contra o sistema de invasão e dominação, tem adquirido estratégia de luta e resistências incomparáveis, solidificando-se na identidade e na organização.

É o sonho bom, a utopia, enraizada profundamente na matriz milenar das culturas e da história desses grandes povos que estão construindo a cidade do futuro, sabendo que, a luta de libertação vai além de 1993 e é levada para frente por um povo ferido e humilhado no âmago da sua vida, da sua história e cultura.

Como a Igreja vai se comprometer concretamente para que o Evangelho seja anunciado a partir da história e das culturas dos povos indígenas? Como a Missão Consolata vai agir?

A Missão Consolata, diante da nova realidade dos povos indígenas sente que os índios devem explicitar uma teologia indígena e que a Igreja deve dialogar com as culturas e encarar-se na realidade evitando a tentação de querer integrar e arrebatar os índios, fazendo ainda hoje vigorar a prática pastoral, os resquícios, a “extra eccllesia nulla salus”. Sentem também que a intuição do Vaticano II, quando reconhece a presença do Espírito nas formas culturais e religiosas das comunidades autóctones, a presença de Jesus Cristo nas diversidades culturais, quando diz que as “sementes do Verbo” estão esperando o seu pleno desenvolvimento e amadurecimento, deve ser tomado mais sério, a religião dos índios deve ser reconhecida e o protagonismo dos índios, dentro da

2. LEON Portilha, Miguel. *A conquista da América Latina vista pelos índios*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984, p. 21.

3. cf. GONZALEZ-FAUS, José Ignacio. *Poder, ouro, alteridade e evangelho: Quinhentos anos de evangelização a partir de uma perspectiva européia*. In: *Perspectiva teológica*, nº 64, Belo Horizonte (set/dez, 1992), p.327

sua cosmovisão e cultura deve ser incentivado. A questão da descolonização da Igreja, também não pode passar despercebida, como se este fosse assunto do passado.

O Papa João Paulo II, em Santo Domingo, no seu discurso de abertura, à IV Conferência Episcopal Latino-Americana (Outubro 1992), reforça o compromisso com a realidade latino-americana para que ocorra a sua descolonização libertadora. Nessa realidade, a Igreja tem um papel predominante, nem sempre de acordo com a pedagogia evangelizadora de Cristo. O Papa pede perdão a Deus a às populações indígenas, reconhecendo a injustiça da ocupação e da colonização. Passa a chamar a pobreza organizada de “desumana e injusta” e, acrescenta que o futuro do continente “deve ser objeto de esforço decidido e generoso daqueles que dedicam a vida ao serviço do bem comum e da sociedade”. Santo Domingo afirma que o processo de integração do continente latino-americano deve beneficiar-se de um forte impulso e valer-se dos fatores mais importantes, como a fé católica, partilhada pela maioria dos latino-americanos, passado histórico dos países latino-americanos, laços culturais e geográficos. A Igreja hoje, deve intensificar e assumir a causa da descolonização do continente com vigor e fidelidade à tradição

do Vaticano II, Medellín e Puebla. Seu papel ao lado dos oprimidos, é muito importante.

Há trinta anos, o Papa João XXIII, em sua Carta Encíclica *Pacem in Terris*, chamou a atenção da Igreja para a emancipação das mulheres e a descolonização dos povos quando fala dos “sinais dos tempos” (nº 41s). Em Santo Domingo, o Papa em sua mensagem aos indígenas, exorta a Igreja a “Fomentarem as iniciativas pastorais que favorecem uma maior integração e participação das comunidades indígenas na vida eclesial (...) e que os “católicos” indígenas se convertam em protagonistas de sua própria promoção e evangelização (SD 6; MI). O Papa diz ainda que será grande alegria, quando as comunidades indígenas serão servidas por missionários e missionárias, por sacerdotes e bispos que tenham saído de suas famílias indígenas (cf, SD 6; MI). Muito já se fez para libertar e descolonizar o continente latino-americano sobretudo pela ação conjunta dos povos oprimidos e dos agentes de defesa dos direitos humanos e da causa do pobre e do outro, mas falta ainda muito a fazer.

Levar em frente um processo de inculturação do Evangelho dentro da identidade cultural e da história do povo latino-americano, hoje, torna-se extremamente difícil.

A questão da consciência da identidade cultural e protagonismo não estão ainda plenamente desenvolvidos.

Não poderá ter uma evangelização verdadeiramente inculturada se não partir de uma realidade descolonizada e de um protagonismo sadio, onde história e cultura tenham o seu verdadeiro rosto.

A questão da cultura é uma história de identidade que implica a questão sócio-política e religiosa, a questão do poder, da hegemonia, da hierarquia, etc. A cultura dominante, hoje, descendente dos conquistadores europeus, continua a colonizar nas formas e modos mais sofisticados, fazendo da América Latina um continente colonizado mentalmente. “Colonizados por “países cristãos”, os países do Terceiro Mundo estão engajados na reconquista paciente de sua independência, de sua identidade e de sua originalidade”⁴.

Há pontos comuns nas lutas de resistências indígenas em toda América Latina para resgatar, fortalecer e afirmar o que tem de mais sagrado, a própria identidade en-

quanto povo, a própria cultura, a própria história. O futuro para os povos indígenas só poderá brotar das raízes do passado e do mundo humanizado pelo reverso da história. Libertando a memória cativa dos explorados e humilhados o continente poderá ser descolonizado, poderá ser construída uma Igreja pós-colonial: “Somente esta Igreja pós-colonial que tenta ler e expressar a fé na multiplicidade de histórias e na diversidade de culturas articulares, a partir da causa perdida dos pobres, pode ser uma Igreja verdadeiramente Pentecostal”⁵.

A forma de evangelização entre os yanomami tem um nome: “resistir” às estruturas de pecado. A resistência na luta do povo yanomami encontra apoio e consistência dentro da sua cultura, da sua singularidade de povo latino-americano e dentro de uma luta maior indígena e extra-grupal que dá à resistência uma dimensão mais significativa e abrangente.

A inculturação do Evangelho é uma exigência da situação social, política e religiosa que emerge de uma realidade colonizada e é um direito de toda humanidade. Ela visa

4. JEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia, hoje*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989, p.312.

133- SUESS, Paulo (org.). *A multiplicidade das vozes na conquista espiritual das Américas*. In: *Culturas e evangelização*. São Paulo, Ed. Loyola, 1991, p. 113.

5. SUESS, Paulo (org.). *A multiplicidade das vozes na conquista espiritual das Américas*. In: *Culturas e evangelização*. São Paulo, Ed. Loyola, 1991, p. 113.

descobrir e afirmar a própria identidade cultural esmagada e reconquistada e assim as raízes das culturas.

Hoje, a figura do continente latino-americano, oprimido, marginalizado e explorado levanta-se para dizer algo de novo, para anunciar um Evangelho "reinterpretado" e dentro da própria vivência e experiência de cristão submisso a um regime totalitário, a uma fé imposta. Esta vítima levanta-se e começa a falar para fazer conhecer ao mundo a sua verdadeira história e identidade, oferecendo à humanidade algo de especificamente latino-americano, um novo rosto de cristianismo.

A resposta da Missão Consolata aos desafios da descolonização vem sendo determinada pelo compromisso com a causa do Evangelho e com a causa indígena. Os missionários resistindo a um modelo de sociedade neo-colonial e fazendo ressoar a voz da justiça e da fraternidade, colaboram na descolonização do continente. Uma forma eficaz e construtiva é a articulação e mobilização de forças para garantir os resultados positivos já conquistados e a luta para que os direitos indígenas garantidos pela Constituição Brasileira sejam respeitados. O fortalecimento das alianças dos povos indígenas e o apoio da autonomia econômica, social e cultural desses povos é o

caminho para descolonização e para a inculturação da fé e crescimento dos índios e missionários.

A Igreja de Roraima dentro de um compromisso sócio-político-eclesial abriu o caminho para que a "boa notícia" surtisse seus efeitos, pois, colonização e evangelização não podem andar juntas. O sistema neo-colonial deve ser transformado pela humanização da história e do homem pelo "reverso da história" constituído pelos vencidos e oprimidos. Só assim, um dia, poderá despontar uma nova sociedade construída sobre a rocha das culturas e da história do povo latino-americano, em comunhão e colaboração com quantos se converteram à causa indígena e dos oprimidos do continente e, acreditam no Deus da vida e da história latina-americana. Em síntese, a Missão Consolata polariza estas dimensões como caminho de evangelização:

- A resistência a um modelo de sociedade neo-colonial.

- A própria descolonização para tornar-se livre para o anúncio e a denúncia.

- A mobilização de forças e sua organização para fazer frente ao sistema invasor e opressor.

- A defesa dos direitos humanos dos indígenas.

- A valorização e o resgate da cultura e da história dos yanomami

como base para uma futura evangelização e um projeto alternativo de sociedade.

- O diálogo e a solidariedade com a vida e a cultura dos índios.

- A inserção/encarnação como caminho consolador e libertador de vida e esperança para uma evangelização inculturada.

Oxalá um dia, esses povos humilhados e pisoteados, com alegria, possam nos dizer: resgatamos a nossa história no dia-a-dia da vida, lutando, nos organizando e resistindo; fizemos despontar o "novo" da história, novas comunidades cris-

tãs, uma nova Igreja, uma nova sociedade. Derrubamos o "muro da vergonha" que não nos permitia viver como irmãos, como filhos do mesmo Pai; descolonizamos o nosso continente com a força e o vigor das nossas culturas resgatadas e revigoradas; reconquistamos incondicionadamente o chão da nossa vida, as nossas raízes, a nossa memória histórica. Somos livres numa América Latina Libertada.

Rosa Mareschi é Mestre em Teologia Dogmática com especialização em Missiologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.